Eu e a Cerâmica

A cerâmica tornou-se opção profissional depois que me conscientizei de que com diploma de direito ou de pedagogia eu jamais trabalharia na minha área caso nossa família se mudasse pro exterior (probabilidade grande quando se é casada com um austríaco). Outro ponto a favor da cerâmica: eu podia trabalhar depois que todos estivessem encaminhados: filhos no colégio, marido no trabalho, casa arrumada, comida feita....coisas típicas de que se acostumou a ser a última na lista de prioridades da família. E assim os anos foram passando e a cerâmica foi se tornando cada vez mais presente, e sempre minha companheira nos momentos difíceis (seja me servindo como terapia ocupacional pra retomar o movimento perdido do polegar da mão direita), seja pra me distrair das inquietações de quem está cada vez mais inativa no mercado de trabalho e morre de medo de ficar à margem da vida profissional depois que os filhos crescerem.

Aprendi a dizer que cerâmica não é terapia, mas sim terapêutica. Fazer uma atividade com as mãos é de fato relaxante. Mas a cerâmica as vezes é mais irritante do que qualquer outra coisa (principalmente quando aquela peça que tomou 4 meses da sua vida sai rachada do forno). No começo ficamos indignados, mas depois vamos entendendo as lições (que são relacionadas à argila e à vida também). Eu nunca gostei das peças que fiz, me conformava com o resultado, Isso mudou há apenas alguns anos,

quando finalmente entendi que nunca uma peça corresponde 100% à minha expectativa. Porque entre o que eu tenho na idéia quando começo a modelar e o que sai do forno tem um desnível (ou seria um Grand Canyon?!) E esse aspecto que tanto me incomodou é hoje meu melhor professor: nem minhas peças correspondem às minhas expectativas, nem meu marido, nem meus filhos, nem meus amigos, nem eu mesma!!!!! E isso não significa que sejam ruins, aliás pelo contrário: meus filhos, meu marido, meus pais e amigos são maravilhosos. Mas eu só percebí isso quando me permiti aceita-los como são, e não como eu gostaria que fossem..... me lembro que no começo falava que peça de cerâmica é igual filho na barriga: a gente fica 9 meses imaginando como eles vão ser, e nunca acerta!!!! Kkkkk

Pra mim ser ceramista não é apenas melecar a mão de barro, mas colocar os neurônios pra funcionar porque estudar nunca é demais, e tem assunto ..... é muito fácil se perder nesse mundo, porque é imenso e cheio de possibilidades: aprender a modelar, a formular esmaltes, ser especialista em torno, em queima, ufa!!!!! E agora estou desfrutando das dores e prazeres de fazer parte de um grupo de investigação em impressão na superfície cerâmica. Além de ser esse o tema do meu mestrado na USP, sob orientação de Norma Grinberg, tive o privilégio de ser aceita por Graciela Olio e pelos docentes da UMA – Universidade de Buenos Aires, pra fazer parte do seleto grupo de 20 ceramistas que pesquisam sobre as mais variadas, inteligentes e alternativas maneiras de se imprimir desenhos, textos e fotografia na cerâmica.

No começo era uma válvula de escape e uma distração, depois foi minha companheira nos momentos angustiantes de crise existencial, me surpreendeu ao se tornar uma conexão com meus antepassados indígenas (motivo pelo qual procuro usar menos esmalte e mais engobe pra colorir meus trabalhos), como tempo foi meu caminho de retorno pro mercado de trabalho, e atualmente é a oportunidade que tenho pra estudar e pra fazer uma das coisas que mais amo na vida: ensinar.

Esse foi meu caminho na arte da cerâmica. Sempre uma ponte: primeiro que me levou a mim mesma, e depois que me direcionou pro mundo (literalmente! Porque pela

cerâmica pude ir pro Japão, Índia, Taiwan, EUA, Austria, Alemanha. Seja pra trabalhar, frequentar congressos ou fazer residências)

E pra todos que quiserem experimentar a arte do barro: "contem comigo"!, porque tive mãos generosas que me receberam e me ensinaram (minha primeira professora foi um anjo), e assim pretendo fazer com todos que quiserem compartilhar comigo desse mundo da cerâmica.